

Cultura: a alma de um povo

José Paulo Abreu *

Por saber de experiência feito reconhecemos que o povo pensa, descobre ou tenta descobrir, age, cria com engenho e arte, também crê – espelhando as suas crenças nas mais variadas formas, tem ainda modos de manifestar sentimentos, sejam eles de alegria ou pesar, de entusiasmo ou preocupação, de esperança ou angústia.

Com tudo isso, o povo vai fazendo o seu percurso, perpetuado nos edificadros e seus recheios, guardado na memória, consignado na história, trágica ou épica, tecida com momentos gloriosos ou travessias no deserto.

E quando falamos em cultura, é de toda esta realidade incarnada, de toda esta alma de um povo que estamos a tratar. Tratamos das mãos que operam. Da mente que arquiteta. Da curiosidade que procura o saber e o acrescenta. Da alma que respira e se manifesta – nas convicções ou nos sentimentos. Das gravações, em suportes vários, que o passado traz ao presente, numa memória que não é simples arquivo mas que tudo transporta até aqui.

* Diretor do IHAC – Instituto de História e Arte Cristãs da Arquidiocese de Braga. Membro do Conselho Cultural da Universidade do Minho.

Podemos especificar, começando pelo conhecimento. Na verdade, cultura pode significar conhecimento, seja ele teórico (nos vários ramos do saber), seja prático – que muitas são as artes e ofícios onde os nossos semelhantes são mestres. E quem não admira os nossos cientistas?! Quem não tem apreço para com quem, com maestria, cinzela o ouro ou a prata, consegue extrair beleza, rostos e formas da madeira, tece, talha e borda tecidos, tira da pedra, ou do mármore, ou do ferro, ou do bronze... o que lá está a mais para que o monumento surja, utiliza os materiais para os colocar ao serviço da ergonomia, do conforto, da estética, do bem-estar, das condições essenciais a condigna vida?!

Mas a cultura também engloba a vertente das crenças. E como elas se espelham nas esculturas e retábulos e pinturas, em santuários, igrejas, capelas, alminhas e cruzeiros, em tecidos e bordados, em pratas e ouros, também noutros materiais menos nobres, em simbólicas as mais variadas, em pautas e instrumentos musicais, em ordenamentos geográficos, em tantos ritos e rituais...

Para a expressão dos sentimentos – a cultura também passa por aí –, todos os meios servem, usados, não raro, com longanimidade e abundante emotividade. A literatura, a pintura, a escultura, os trajes (quem não reconhece o preto dos funerais, o branco da noiva ou as cores da bandeira nacional a encher-nos o peito de patriotismo?!), o teatro, o cinema, a *net*, a música – da erudita à popular, do rancho folclórico ao fado, do *rap* ao gregoriano... –, as romarias e procissões, os foguetes, os tapetes de flores, os sinos (no seu badalar galhardo ou melancólico), o desporto, tudo isso nos fala de emoção, de sentimentos que se extravasam, de manifestações públicas do humano, pessoal e coletivo sentir. Como de sensações nos falam a festa do padroeiro da cidade ou da freguesia, ou os funerais e suas coreografias...

Eis em tudo isso a alma do povo que vibra, sente, ri e chora, aclama e range, vence e é derrotado, espera ou desespera, destila saudade ou entusiasmo diante do que tem ou do que há de vir.

Depois, essa alma vibrante do povo aparece nas monografias, nas crónicas, nos jornais, na TV, nos anais, nos novos meios de comunicação, na história.

Esses documentos visuais ou escritos são, afinal, depósitos da cultura, onde ela não apenas jaz, também se perpetua.

Resta acrescentar que a palavra cultura é de origem latina (exatamente “cultura”), e faz referência a características humanas que se desenvolvem, conservam e aperfeiçoam na interligação dos indivíduos no seio de uma sociedade.

Valerá a pena sublinhar-se, agradecendo o contributo de Edward B. Tylor, que a noção de cultura também engloba coordenadas como a moral, a lei, os costumes, os hábitos, as aptidões. Do mesmo modo que engloba questões linguísticas, seja a língua falada, seja a escrita.

Não poderemos ainda esquecer as danças e as formas de organização social. E até os hábitos alimentares...

E da cultura de um povo constam ainda os transportes, o tipo de habitação...

Em conclusão e parafraseando da internet «culturaangolana’s blog», podemos dizer que “a definição de cultura é muito ampla, por isso a dificuldade em defini-la. Basicamente ela é a junção de ideias, abstrações e comportamento de um determinado grupo/sociedade. Dessa forma, ela envolve tanto as relações materiais de um povo, como a sua habitação, transporte, indumentárias e adornos, alimentação e bebidas, instrumentos de produção e tecnologias; como aspetos imateriais, como conhecimentos (que lhes permitem a sobrevivência), crenças (o que acreditam), valores (indicando o que é “bom” e “ruim”), normas (limitam os seres) e símbolos (remete-se a significados), que orientam um grupo de seres para a ordem e vida em uma sociedade. Tudo criado e pensado pelo próprio homem junto aos seus semelhantes (de forma coletiva), de modo que transforma a natureza, com objetivo de satisfazer suas necessidades de vida”.